



Gabriel Abrantes e João Salaviza Cinema português
triunfa em Cannes Reportagem e entrevista de José Vieira Mendes PÁGINAS 4 E 6

JORNAL
 DE LETRAS,
 ARTES E
 IDEIAS

JL

Ano XXXVIII • Número 1243 • De 23 de maio a 5 de junho de 2018
 • Portugal (Cont.) €3 • Quinzenário • Diretor José Carlos de Fátima Canelas

Germano Almeida
Prémio Camões 2018 PÁGINA 3

O Maio de 68
 Textos de Teresa Rita Lopes
 e Fernando Pereira Marques PÁGINAS 23 A 25

Daniel Sampaio
Estimular os alunos **JL** / Educação



Lúcia Jorge

**Um Estuário com
 crises e afetos**

Quatro anos depois de *Os Memoráveis*, um novo romance tendo em fundo um 'mundo em sobressalto'.

Entrevista e a crítica de Miguel Real PÁGINAS 7 A 9

Tiago Rodrigues

**Um criador
 nos palcos
 do mundo**

PÁGINAS 14 A 16

DIANA TINOCO

Patrimónios de Influência Portuguesa

Um curso que é um projeto de investigação, que é uma cátedra

■ No princípio era um curso de doutoramento, que foi evoluindo para se tornar também um projeto de investigação. Agora é tudo isso, mas a partir de 22 junho próximo, o projeto é também uma Cátedra UNESCO, quando esta for instituída formalmente numa cerimónia na Universidade de Coimbra (UC), no âmbito das comemorações do 5º aniversário da inscrição desta universidade na lista do Património Mundial da UNESCO.

Foi em abril passado que foi anunciado ter a UNESCO aprovado a criação na UC da 'Cátedra Diálogo Intercultural em Patrimónios de Influência Portuguesa', que terá como unidade orgânica de acolhimento o Instituto de Investigação Interdisciplinar, como unidade de execução científica o Centro de Estudos Sociais (CES) e como principal responsável o arquiteto e professor universitário Walter Rossa, juntamente com o historiador Miguel Bandeira Jerónimo.

A instituição da Cátedra a partir do curso de 'Doutoramento em Patrimónios de Influência Portuguesa' (DPIP) não vem trazer mais recursos concretos, mas, como refere o coordenador do

Sete teses defendidas

Nas suas quatro edições, o curso de Doutoramento em Patrimónios de Influência Portuguesa, da Universidade de Coimbra, já apresentou sete teses defendidas desde 2010, segundo o seu responsável, o professor e arquiteto Walter Rossa. Presentemente, o curso tem 26 estudantes de doutoramento, todos com projeto de tese, oriundos de vários países (nomeadamente Brasil, Itália, Moçambique, Portugal, Timor), em muitos casos em regime de cotutela com outras universidades. O curso tem uma parte curricular de dois anos, o primeiro dos quais, pela sua natureza, passado em Coimbra. A taxa de desistências ronda os 15 a 20%, segundo o professor de Coimbra.

projeto, "coloca um recurso que é uma espécie de reconhecimento da qualidade e de interesse do projeto". E esse 'recurso' - que se junta ao financiamento do próprio programa de doutoramento e a apoios da reitoria da UC e do Camões, I.P. - tem um valor na hora de procurar outros meios de financiamento. "Sabemos, pela experiência de outros (...) que quando aparecermos com uma candidatura a financiamento com um

rótulo de Cátedra UNESCO, as coisas ficam um bocadinho mais fáceis...".

Há um ano atrás, sensivelmente, o projeto DPIP concorreu ao programa de cátedras UNESCO/UNITWIN, criado em 1992, com o "objetivo de promover a cooperação e interligação entre universidades, a nível internacional" e "reforçar as capacidades institucionais através da partilha de conhecimento e do trabalho colaborativo".

A criação do curso de doutoramento e a própria candidatura à Cátedra da UNESCO decorreram, em boa medida, da "consciência da importância que o património que é o nome da Universidade de Coimbra" nos países de língua portuguesa, segundo se depreende das palavras do titular da nova Cátedra. "Assistimos, hoje em dia, a uma grande competição entre as universidades. Lisboa e Porto têm condições demográficas e financeiras que Coimbra não tem e a forma que a UC tem (...) de se não deixar regionalizar (...) é precisamente recuperar e desenvolver esse nome, mas dar-lhe consistência contemporânea". "A Universidade percebeu isto ao mais alto nível e tem vindo a dar um grande apoio a esse tipo de iniciativas", acrescenta Walter Rossa, lembrando que já existe na UC uma outra Cátedra UNESCO, em Biodiversidade e Conservação para o Desenvolvimento Sustentável.

COMO AS COISAS SE PASSARAM

Para trás da classificação como Cátedra UNESCO ficaram quase nove anos de um projeto que teve na sua origem dois académicos ligados ao CES - Walter Rossa (professor catedrático do Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC) e Margarida Calafate Ribeiro (doutorada em Estudos Portugueses pelo King's College e codiretora da Cátedra Eduardo Lourenço da Universidade de Bolonha) - que num "grupo inicial" envolvendo dois outros professores

universitários, Paulo Varela Gomes (já falecido), do lado da arquitetura, e António Sousa Ribeiro, do lado dos estudos culturais, pensaram o que poderia ser uma formação na área dos patrimónios.

Walter Rossa recorda ter tido essa reflexão lugar "num período muito aceso e muito ativo", porque, pela mesma altura, ele colaborava com o historiador José Mattoso no projeto da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) sobre as obras do património de origem portuguesa no mundo - que deu origem a livros lançados em 2010 e 2011 e a um sítio na internet que o professor de Coimbra organizou -, ao mesmo tempo que decorria o polémico processo das 'sete maravilhas de Portugal no mundo', de intuítos comerciais. "De um lado, um trabalho sério e, do outro, uma grande confusão que originou, aliás, uma enorme discussão aqui em Coimbra", evoca Walter Rossa, lembrando nos debates entre académicos mais conservadores e académicos mais radicais.

No entanto, segundo Walter Rossa, o contexto do debate foi "muito bom" e "muito rico", "porque permitiu-nos perceber as várias facetas do problema". Uma delas foi o termo a usar para adjectivar o património - 'de origem' ou 'de influência'. Numa discussão "muito acesa", o investigador do CES opôs-se ao termo 'origem', "sempre muito mal rececionado por determinados países", levando à opção pela utilização de 'influência'. Mesmo assim, diz, "houve quem achasse que nós devíamos

Dia da Língua Portuguesa e da Cultura na CPLP

Para contrariar o mundo uniformizado

■ A sessão realizada a 5 de maio nos jardins das Nações Unidas, em Nova Iorque, que contou com a participação do secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), o português António Guterres, e da secretária-executiva da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), a santomense Maria do Carmo Silveira, foi um dos eventos mais significativos com que o Dia da Língua Portuguesa e da Cultura na CPLP foi assinalado este ano, mais uma vez um pouco por todo o mundo.

Na sessão de apresentação em Lisboa, a 30 de abril, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, das iniciativas que o Camões, I.P. organizou ou em que participou para assinalar o Dia, instituído em 2009 pelo Conselho de Ministros da CPLP, o Presidente do Instituto, Luís Faro Ramos - presente também depois a 5 de maio em Nova Iorque, juntamente com a secretária de Estado dos Negócios Estrangeiros, Teresa Ribeiro -, indicou que estava previsto que a data fosse assinalada antes, durante e depois de 5 de maio com 180 ações em 57 países.

Após a sessão, o titular da pasta dos Negócios Estrangeiros, Augusto



Santos Silva, evocou aos jornalistas o "simbolismo" das "diferentes manifestações culturais, literárias e musicais" nos jardins da ONU, pelo facto de elas representarem "a colaboração entre todas as missões permanentes dos países de língua portuguesa junto das Nações Unidas" e traduzirem o "anseio" por que a língua portuguesa - que já é hoje em dia língua de trabalho do sistema das Nações Unidas e língua oficial de algumas das organizações especializadas das Nações Unidas - "venha a ser no futuro mais ou menos próximo

uma das línguas oficiais da ONU".

O chefe da diplomacia portuguesa frisou que o prazo em que isso poderá ocorrer dependerá do "esforço" que os países de língua portuguesa fizerem. "Uma coisa é certa, esse objetivo só pode ser cumprido pelo conjunto dos países de língua portuguesa" e, na opinião do Governo português, "deve ser associado à reforma das Nações Unidas e em particular do seu Conselho de Segurança".

O ministro explicou que Portugal entende que "o Conselho de Segurança tem hoje uma composição que já não reflete as realidades do sistema internacional" e que, entre os três novos membros permanentes a acrescentar à sua atual composição, deve estar o Brasil, a par de um país africano e da Índia. "Entendemos que a realidade lusófona tem que ter tradução no sistema das Nações Unidas, como já tem hoje, com maiores responsabilidades de falantes em português na direção do sistema, mas também com a presença de um país de língua portuguesa entre os membros permanentes do Conselho de Segurança e com a progressiva afirmação do português até chegar a ser uma das

línguas oficiais das Nações Unidas", acrescentou.

Em Nova Iorque, nos Jardins das Nações Unidas, António Guterres, fez um curto discurso, em português, em que, segundo a Lusa, elogiou a diversidade da CPLP, com países em todos os continentes. O antigo primeiro-ministro português e atual secretário-geral da ONU fez uma intervenção em que destacou a importância da diversidade contra as tentativas de uniformização a que se assiste e disse que a CPLP tem nesta matéria um "papel essencial a desempenhar".

MULTILINGUISMO

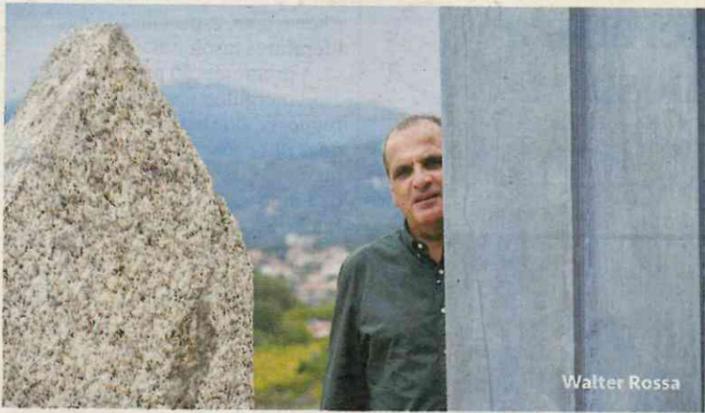
Afirmando que a celebração foi a primeira clara manifestação da língua portuguesa nos jardins da ONU, Guterres afirmou, segundo a Lusa, que um dos pontos fundamentais do seu mandato é "expressar a importância do multilinguismo nas Nações Unidas", contra um "mundo uniformizado em que todos falem a mesma língua". Porque é preciso um mundo em que cada um fale a sua língua, porque são precisas "umas Nações Unidas baseadas na diversidade", disse. Guterres insistiu em que a diversidade é um valor essencial num mundo onde existem "várias tentativas de isolamento" e se assiste ao reacender de "expressões de racismo, de xenofobia" e de condenação "do outro só porque o outro é diferente".

"É necessário dizer que nós na CPLP nos orgulhamos da nossa

diversidade, reconhecemos que as nossas próprias sociedades são multiétnicas, multiculturais, multirreligiosas, e que isso é um bem", afirmou ainda António Guterres que concluiu dizendo que tudo fará para que a língua portuguesa e a cultura dos países da CPLP tenham nas Nações Unidas "uma manifestação cada vez mais forte como símbolo da diversidade".

E diversidade foi também a marca das iniciativas que têm estado a assinalar a data, desde abril até junho: "conferências, colóquios, encontros, palestras, exposições, cinema, espetáculos, programas multidisciplinares", enumerou Luís Faro Ramos, que destacou o programa de Nova Iorque, composto por um espetáculo musical com o grupo Octa Push, uma mesa-redonda de autores com Onésimo Teotónio Almeida e Ricardo Araújo Pereira, e a performance teatral By Heart, de Tiago Rodrigues.

Nos próprios países da CPLP, a data foi assinalada sob diversas modalidades e com diferentes protagonistas. Em Luanda, Angola, a 4 de maio, houve um recital de poesia; em Bissau, na Guiné-Bissau, de 2 a 5 de maio, uma semana da língua portuguesa apresentou um programa multidisciplinar, com uma conferência com o tema 'Identidade CPLP: Desafios e oportunidades', oficinas de escrita e música, um prémio de poesia e a exibição de documentários; em Malabo, na Guiné Equatorial, a 3 e 4 de maio,



Walter Rossa

pôr "influência colonial". Contrapõe: "Obviamente que o património tem as marcas que tem, seja em que sítio for. Há sempre quem se sacrificou mais ou menos por ele existir. Mas [deve-se] utilizar o património como uma ferramenta de reconciliação e desenvolvimento e não como uma ferramenta de historicização. A história é determinante para o património, mas o património não tem que ser uma ferramenta da história".

E nessa linha, o debate estabeleceu também, desde a origem, que o projeto DPIP assumia "uma perspetiva de cooperação para o desenvolvimento". Perspetiva essa que se reforça na afirmação, feita "no jargão da casa", de que os trabalhos e projetos "são sempre sobre tudo, dentro da área de influência portuguesa, exceto sobre Portugal", a não ser indiretamente, sublinha.

Na definição do curso de doutoramento, que arrancou em 2010, ficou também "uma ideia muito clara que era: vamos trabalhar no plural. Por isso é que é patrimónios". Acrescenta Walter Rossa que "descola daquele conceito clássico de património, das coisinhas que nós queremos guardar". E "influência, também nesta lógica de tornar claro que há outras coisas, há outras realidades". "Num mesmo património há várias influências. O nosso foco é a parte portuguesa e como elemento de ligação entre as várias comunidades, não excluindo de forma alguma, aliás, bem pelo contrário, as outras realidades".

DOIS RAMOS VIVOS

Patrimónios ainda porque - novidade - "o curso tem dois ramos", um de estudos culturais e outro de arquitetura e urba-

nismo. Consequência de Walter Rossa estar ligado à arquitetura e ao urbanismo e Margarida Calafate Ribeiro aos estudos culturais? "Não é só por isso", responde o titular da nova Cátedra. "Temos assim representados aqueles que (...) são os dois patrimónios vivos" - a língua e a paisagem. A língua, porque "é um património em mudança permanente e que integra". "A nossa ideia é que a língua é uma coisa que está permanentemente a ser enriquecida pelo 'mau falar' dos vários povos... Portanto, o interesse enorme que tem depois ao nível das expressões literárias, a introdução de terminologias que vêm de outras línguas e o enriquecimento que isso tem produzido nas literaturas africanas e não só, nas brasileiras". A paisagem - arquitetura, urbanismo -, "como ela hoje é entendida, quer dizer, não como elemento figurativo estático, mas como algo que representa a atividade humana e, portanto, a transformação permanente".

Sem pôr de lado outras expressões do património, como a pintura, a escultura - mais clássicas -, a arquitetura monumental "e por aí fora", quer a língua quer a paisagem, no entender de Walter Rossa, "criam imensos problemas às teorias mais ortodoxas ou mais estabilizadas do património". "Interessa-nos muito aquilo que faz parte do quotidiano das pessoas. Mesmo do ponto de vista da expressão artística dos objetos, interessa-nos muito a visão antropológica da história da arte.

Um terceiro elemento constitutivo do curso foi a assunção da ideia de que

"não conseguimos fazer isto só em Coimbra". Ainda antes das parcerias estabelecidas com outras universidades, o curso, "logo na primeira edição, tem professores de vários sítios" e não exclusivamente da UC, diz o investigador do CES.

Mas a abertura de um concurso da FCG para projetos inovadores no domínio educativo, a que o projeto DPIP concorreu e ganhou, permitiu angariar os meios para, em 2013, internacionalizar o curso, através de protocolos com várias universidades estrangeiras. Os doutoramentos puderam assim passar a ser feitos em regime de cotutela. "Vão saindo doutores, por exemplo, pela [Universidade] Eduardo Mondlane e pela UC, pela Universidade Federal Fluminense e pela UC, pela Universidade de Bolonha e pela UC, e é esse grupo, é esse conjunto de universidades (...) que está na base da Cátedra".

Na apresentação do projeto DPIP nas páginas dos CES, está escrito que, desde a sua 3ª edição, iniciada em fevereiro de 2015, "o DPIP adquiriu um formato internacional, associando-se em regime de cotutela na Europa (Universidade do Algarve; Universidade de Bolonha; Universidade Paris Nanterre); na América do Sul (Universidade Federal Fluminense, Brasil) e em África (Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique)". Estão também ativas parcerias com a UNESCO, a FCG, o Camões, I.P., a Universidade Lúrio e a Associação IVERCA, em Moçambique, a Associação Tchivweka de Documentação

e a Companhia de Dança de Angola; e a M_EIA (Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura) de Cabo Verde.

INVESTIGAÇÃO

Em sequência, foi-se desenvolvendo a ideia de que o curso de doutoramento deveria ser um projeto de investigação integrada. "Um projeto em que obviamente há alunos que fazem o seu percurso exclusivamente (...) académico", mas em que há "outros alunos que funcionam numa lógica um pouco mais próxima e que se vão integrando em projetos de investigação que nós vamos tendo", adianta Walter Rossa, que dá como exemplos o "projeto sobre as cidades de Luanda e Maputo, de onde nasceram duas teses de doutoramento", o projeto *Memoirs: Filhos do Império e Pós Memórias Europeias*, financiado pelo *European Research Council*, da responsabilidade de Margarida Calafate Ribeiro, que também alberga dois doutorandos, e o relatório sobre o papel da cultura nas políticas urbanas nos países de língua portuguesa, feito a pedido da UNESCO pelo académico de Coimbra, que teve uma bolsista brasileira que entretanto está a desenvolver a sua tese nesse âmbito. A ideia é, assim, a partir de candidaturas individuais ou de projetos nascidos no próprio CES, criar um polo de investigação na Cátedra, envolvendo os alunos em graduação ou já pós-graduados. E assim, "agora deixamos de falar no projeto e passamos a falar na Cátedra. É uma Cátedra que tem um curso de doutoramento", remata Walter Rossa.

exibiram-se curtas-metragens em português, realizou-se um concerto e declamaram-se poemas; em Moçambique, nos polos da Universidade Pedagógica de 4 cidades - Beira, Nampula, Lichinga e Quelimane - tiveram lugar encontros com o tema 'Português Língua de Ciência'; no Brasil, Gilberto Gil, Carminho, Vanessa Moreno e Fi Maróstica, e Gil Jardim participaram, a 5 de maio, em São Paulo, num espetáculo promovido pela EDP e pela Embaixada de Portugal em Brasília; em Díli, Timor-Leste, uma semana da língua portuguesa compreendeu, de 2 a 5 de maio, uma exposição e conferência sobre o ensino da língua, espetáculos de música e poesia, a exibição do documentário *Palavra (En)cantada* e oficinas (Contar Histórias e Escrita Criativa).

Decorre ainda em Xangai, até 26 de maio, na Universidade de Estudos Internacionais, a 2ª edição do Mês de Documentários em Língua Portuguesa e uma oficina de trabalho 'Pontes da Lusofonia através do cinema', bem como, até final do mês, em Seul, um concurso comemorativo organizado pelo Centro de Língua Portuguesa na Universidade de Hankuk, numa iniciativa promovida pelas embaixadas de Angola, Brasil, Portugal e Timor-Leste. Amanhã, ainda, em Berlim, na Biblioteca da Embaixada de Portugal em Berlim, tem lugar a 2ª edição de leitura e dramatização de autores lusófonos - Contos Lusófonos.

Um think tank na área do património

O "primeiro produto" da nova Cátedra da UNESCO 'Diálogo Intercultural em Patrimónios de Influência Portuguesa', da Universidade de Coimbra (UC), vai ser apresentado publicamente sob a forma de um livro e de uma exposição, a 25 de junho, na cidade da região central de Portugal, três dias depois da sua instituição formal, segundo o titular da Cátedra, o arquiteto e professor Walter Rossa.

Livro e exposição - esta última será depois levada a Lisboa e Maputo - apresentam os resultados de uma intervenção dos investigadores da Cátedra na Ilha de Moçambique, que é um de dois projetos em que está envolvida na primeira capital de Moçambique e que dão corpo àquela que é uma das suas principais orientações de trabalho - a cooperação para o desenvolvimento.

O primeiro projeto decorre de uma parceria com a Universidade Lúrio, uma das três universidades públicas de Moçambique, que tem sede na cidade de Nampula, no centro norte daquele país africano, e que tem incluído no território da província do mesmo nome a cidade da Ilha de Moçambique.

O projeto prende-se com a criação no âmbito da universidade moçambicana - de que é reitor Francisco Noa, professor de literatura, ensaísta e colaborador do Centro de Estudos Sociais da UC - de uma Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, que terá a sua sede na Ilha de Moçambique.

A UniLúrio, como é conhecida, é uma instituição com vários núcleos e Walter Rossa e outros docentes da UC têm estado a colaborar com a universidade moçambicana na Faculdade de Arquitetura e Planeamento Físico, nomeadamente no Mestrado em Desenvolvimento do Território e Gestão Urbana.

"Em vez de investirem em residências, em edifi-



cios novos, para a Faculdade", lançaram ao reitor da UniLúrio o desafio de "refletir numa forma de criar um movimento integrado, de aplicar as lógicas da conservação integrada na Ilha", explica Walter Rossa. Isto porque "a ilha foi classificada em 1991 como Património da Humanidade e está, desde 1991, 'sentada' à espera do desenvolvimento e o desenvolvimento não chega, não há maneira..."

O que é que foi feito? Estudantes e professores portugueses e moçambicanos das duas universidades organizaram em julho passado, durante duas semanas, na ilha, uma oficina de trabalho - batizada 'oficina de Muhipiti', o nome da Ilha de Moçambique em macua, a língua local -, para "ver se a universidade se constituiu como um modelo de desenvolvimento para a ilha".

No dizer de Walter Rossa, a instalação da Universidade na ilha vai gerar alojamento, comércio, transportes e outras necessidades. E a proposta que acabou por ser formulada foi de "fomentar junto da cidade do macuti, [o bairro de construções tradicionais, por oposição à parte monumental da cidade] a ideia de que se cada uma daquelas famílias alojar um estudante - fizer uma pequenina adaptação na casa e melhorar as condições da casa - consegue encontrar uma pequena forma de rendimento que pode fazer a diferença no orçamento". "Criou-se o movimento e o

conjunto de ideias que agora - deixámos uma exposição provisória dos resultados - estamos a ultimar".

O segundo projeto, que Walter Rossa descreve como a sua "menina dos olhos neste momento", é a abertura na ilha de um mestrado em património e desenvolvimento, que terá professores das universidades Eduardo Mondlane e de Coimbra. "Está tudo criado, faltam-nos os alunos". Vinte pelo menos, dispostos a todos os fins de semana se deslocarem à ilha para ter aulas.

A ideia é que os mestrandos, nas suas teses, abordem a ilha na perspetiva de que "o património é um ativo, que só faz sentido enquanto património, quando puder ser desenvolvido por forma a que a população viva melhor".

No dizer do titular da Cátedra da UNESCO, nas discussões já havidas conseguiu inverter "a ideia de que ilha tem que se estruturar para o turismo". "A ideia é esta: nós temos de fazer com que a ilha seja um local com muito boas condições para as pessoas que lá vivem, e isso é que atrai o turismo. Portanto, a ideia é ao contrário".

E por que é que é a "menina dos olhos" de Walter Rossa? "Os assistentes que lá tivermos, que são da UniLúrio, ao mesmo tempo que são nossos assistentes, estarão a fazer o doutoramento connosco. É um mestrado que permitirá a formação dos mestres e a formação dos assistentes, de forma a que eles fiquem autónomos em 4 ou 5 anos". E conclui: "é o verdadeiro segredo de uma intervenção integrada".

Ainda na área da cooperação para o desenvolvimento, a Cátedra na sua anterior designação de projeto de 'Doutoramento em Patrimónios de Influência Portuguesa', participou em 2017 numa ação da Fundação Calouste Gulbenkian de formação para técnicos na área da cultura e do património dos PALOP, esteve envolvida na rede de museus de Cabo Verde e contribuiu para o projeto de inscrição do corredor do Cuanza na lista de Património da Humanidade, desenvolvido pelas autoridades angolanas. "A nossa ideia, no fundo, é a de sermos um think tank nesta área".